

Curta-metragem “Cócegas na Terra” em São Miguel da jovem realizadora Maria João Sousa concorre a dois prémios internacionais

Lê-se na sinopse do filme que “Quem passa em Santa Clara (Açores) pode contemplar a visão de um estendal de linhas cintilantes, ao mesmo tom do reflexo dos peixes no mar. Quem as constrói também está na terra mas vive ao ritmo do mar. As mãos humanas marcam o compasso com a natureza que os envolve. Encostam as suas linhas do mar na terra e com o vento dançam juntos a mesma melodia.” É mediante esta abordagem poética da realizadora Maria João Sousa, que podemos antever na sinopse, e através da banda sonora, criada pelo Conservatório Regional de Ponta Delgada, que a “musicalidade insciente” dos pescadores de Santa Clara se vê representada na curta-metragem, a qual se encontra a concurso para dois prémios internacionais.

Maria João Sousa tem a Psicologia-clínica como formação base, mas o gosto pelas artes esteve sempre presente, “e então cheguei a uma altura em que achei que devia lutar pela paixão que eu tinha e fui estudar cinema.” Chegou a trabalhar numa produtora no Porto, mas entretanto, surge uma oportunidade de trabalho para o namorado, natural de S. Miguel, mas que já estava no continente há muitos anos. É assim que a realizadora, grávida do primeiro filho, chega aos Açores.

“São pescadores que não vão nos barcos”

A realizadora conta que no caminho para a creche do filho passava todos os dias pelos pescadores de Santa Clara e, embora não percebesse bem o que é que os eles estavam a fazer, a imagem do “cintilar do sol e a luz nas cordas, o andar deles de um lado para o outro” ficou-lhe sempre no pensamento como algo que queria usar. Até que um dia decidiu perguntar: ‘Mas, então, o que é que os senhores estão aqui a fazer?’

Foi então que ficou a conhecer a pesca do palangre e “esta arte de esticar as cordas que é tradicional dos Açores”. Nas conversas com os pescadores, que se mostram sempre disponíveis e felizes por dar a conhecer o seu trabalho, acabou por perceber mais sobre os barcos que vão à pesca do palangre e todo o sistema de linhas, mas aquilo que chamou, realmente, a atenção da realizadora Maria João Sousa, foi a perspectiva dos ‘pescadores de terra’, uma denominação que até então desconhecía.

Diz-nos que as pessoas estão mais habituadas a ver os pescadores a trazer o pescado nos barcos, mas muitas vezes esquecem-se dos bastidores, de quem está a construir as linhas, a arranjar o material e a querer que tudo fique perfeito para que os outros possam voltar rápido ao mar.

Foi a partir do momento que a realizadora percebeu que eles “são pescadores que não vão nos barcos” que surgiu a abordagem poética para a curta-metragem que se seguiu. São imagens também traduzidas pela música “porque, no fundo, os barulhos, os sons dos barcos, as próprias linhas,



A próxima curta-metragem tem por título ‘Sabrina’, nome de uma vaca Holstein-Frisia que venceu um dos concursos que são promovidos pela Associação Agrícola de São Miguel

a própria forma como se vê, visualmente, apontava muito para esta musicalidade insciente que existe à nossa volta e que nós, às vezes, não estamos a par dela.”

Estreia: “O mais importante foram os aplausos dos pescadores...”

Por ser uma curta-metragem de 15 minutos, a estreia, que aconteceu na Junta de Freguesia Santa Clara, teve espaço para

Segundo a realizadora, as palavras que protagonizaram as reacções ao filme foram “sensibilidade”, “poesia” e “colaboração” e confessa que, quando o filme acabou, não estava à espera de “tanto calor”, de tantas palmas, mas “o mais importante foram os aplausos dos pescadores para os pescadores. Foi mesmo a parte mais emocionante da noite. Eles levantaram-se, bateram palmas. Gostaram daquilo que viram. Viram que alguém valoriza o trabalho deles.”

Lamenta que os pescadores não pudessem estar todos presentes, mas adianta que estão previstas novas sessões para incluir os restantes e também para que outras pessoas possam ver a curta-metragem. A realizadora gostava de levar o filme a outras ilhas e considera também importante introduzir uma conversa final com o público. Uma pequena discussão sobre a questão da “musicalidade insciente”, da pesca e, na verdade, sobre aquilo que surgiu, pois, para Maria João Sousa, “as pessoas também têm a sua interpretação, a sua visão. No fundo, também se trata de consciencializar através do cinema. É esta a minha premissa enquanto realizadora: que a arte chegue a um ponto de intervenção, intervenção pessoal e social.”

Filme “Sabrina”: os bastidores dos concursos das vacas Holstein-Frisia

Neste momento, a realizadora tem dois projectos entre mãos, um em fase de preparação e outro, já em pós-produção, com estreia prevista para o final deste ano.

Em fase embrionária está o documentário biográfico “Livres como Vento/ Alto como as estrelas” sobre a vida de Manuel Ferreira, escritor, filósofo e jornalista açoriano. Diz a realizadora que tem uma enorme curiosidade acerca desta grande personalidade açoriana que, por ter tido um percurso tão vasto, documentar a sua vida é um exercício que precisa de “tempo de maturação” e acrescenta que “É uma pessoa que também merece isto e quero fazê-lo com alguma calma e dedicação.”

A pouco tempo de estrear está “Sabrina”, um documentário sobre os concursos



Pescadores aplaudiram a curta-metragem no Auditório de Santa Clara

de vacas Holstein-Frisia promovidos pela Associação Agrícola de São Miguel. Trata-se de um registo em que a produção esteve a acompanhar todos os passos que antecedem o concurso, passos que vão desde a criação da vaca a todos os cálculos que são feitos para que esta esteja na sua melhor forma.

Segundo a realizadora, “é um autêntico concurso de beleza” onde a dedicação ao detalhe “é um imperativo.” “Sabrina”, é uma vaca, mas acaba por representar muito mais do que isso, representa o amor aos animais e a dedicação e união da família: “É um filme que, no fundo, também mostra estes bastidores de preparação das vacas. Estivemos com os lavradores, com os filhos e netos para perceber esta dinâmica acerca das lavouras.”

“Panorama”: filme vencedor do prémio de melhor curta documental

Quando questionada acerca do projecto que a marcou mais, Maria João Sousa diz que cada um a marca à sua maneira porque tudo isto tem que ver com fases em que se está mais motivado para este ou aquele tema: “o ‘Cócegas na Terra’ é um projecto que já tinha desde 2017 e é muito bonito, é um poema visual. E com ‘Sabrina’ aprendi muito. Não sei, não consigo escolher.”

No entanto, e talvez por ser o primeiro - “porque foi uma coisa muito crua” - menciona a importância de “Panorama”, um filme que mereceu o prémio norte-americano para melhor curta documental no Independent Documentary Film Festival Legacy Doc.

O documentário dá voz a seis jovens açorianos de diferentes freguesias que são postos a discutir vários temas e à medida que a conversa avança vão ganhando consciência da subjectividade do real. “Embora vivam na mesma ilha, vivem em zonas e contextos completamente diferentes. Eu própria surpreendi-me com algumas respostas. Foi uma grande aprendizagem.”



“Os Açores têm muita história...”

Para além dos filmes, a realizadora também participou noutros projectos com a paisagem micalense em plano de fundo. É o caso dos videoclipes de “Beauty in Life”, da cantora açoriana Maria Carolina e “It could be the best part”, da artista norte-americana Sully Lily, que gravou na Lagoa das Sete Cidades.

Para Maria João Sousa, o melhor destes projectos é, precisamente, o contacto que se estabelece com estas pessoas que a inspiram e motivam. Também nos diz que todos ganhamos em fazer: “Depois, até onde é que vai? Vamos ver. É bom aprender sobre tanta coisa: já aprendi sobre a pesca, sobre lavouras, tanta coisa que quero partilhar. Ainda tenho muita coisa nos Açores que me inspira. Ainda tenho algumas ideias apontadas que tenho de estruturar melhor. Os Açores têm muita história, muita beleza que eu ainda quero partilhar.” conclui.

Daniela Canha

Associação Espírita de São Miguel O problema da cremação

Observando do plano espiritual a celexuna de muitas cidades, em torno da incineração dos cadáveres, a ser estabelecida por lei, reparamos que o assunto não é realmente para rir.

De um lado, temos os legisladores preocupados com a terra dos cemitérios e, de outro, determinadas autoridades eclesásticas lançando a censura sobre os responsáveis pelo movimento inovador. Entre os atores da peça, vemos os defuntos de amanhã, sorridentes e bem humorados, apreciando a pugna entre a religião e a utilidade.

Aqueles, como nós, que já atravessaram a margaria da sombra, seguem a novidade com a apreensão das pessoas mais velhas, à frente dum parque de crianças.

O problema da cremação do corpo, realmente, deveria merecer mais demorado estudo nos gabinetes legislativos.

Há muito caminho por andar, antes que o homem comum se beneficie com a verdadeira morte.

A cessação dos movimentos do corpo nem sempre é o fim do expressivo transe. O túmulo é uma passagem especial, a cujas portas muitos dormem, por tempo indeterminado, criando fofocas para atravessá-las com o preciso valor.

Morrer não é libertar-se facilmente.

Para quem varou a existência na Terra, entre abstinências e sacrifícios, a arte de dizer adeus é alguma coisa da felicidade ansiosamente saboreada pelo Espírito, mas para o comum dos mortais, afeitos aos “comes e bebes” de cada dia, para os senhores da posse física, para os campeões do conforto material e para os exemplares felizes do prazer humano, na mocidade ou na madureza, a cadaverização não é serviço de algumas horas. Demanda tempo, esforço, auxílio e boa vontade.

Por detrás da máscara mortuária, muitas vezes, esconde-se a alma inquieta e dolorida, sob estranhas indagações, na vigília torturada ou no sono repleto de angústia.

Para semelhantes viajores da grande jornada, a cremação imediata do corpo fisiológico será pesadelo terrível e doloroso.

Eis porque, se pudessemos, pediríamos tempo para os mortos.

Se a lei divina fornece um prazo de nove meses para que a alma possa renascer no mundo com a dignidade necessária, e se a legislação humana já favorece os empregados com o benefício do aviso prévio, por que razão o morto deve ser reduzido à cinza com a carne ainda quente?

Sabemos que há cadáveres, dos quais, enquanto na Terra, estimáramos a urgente separação, entretanto, que mal poderá trazer aos vivos o defunto inofensivo, sem qualquer personalidade nos cartórios?

Não seria justo conferir pelo menos três dias de preparação e refazimento ao peregrino das sombras para a desistência voluntária dos enigmas que o afligem na retaguarda?

Acreditamos que ainda existe bastante solo no Brasil e admitimos, por isso, que não necessitamos copiar apressadamente costumes em pleno desacordo com a nossa fé espiritual.

Meditando na pungente situação dos recém-desencarnados, observo qual longe vai o tempo em que os mortos eram embalados com a doce frase latina: - Requiescat in pace.

Não basta agora o enterro pacífico! É imprescindível a apressada desintegração dos despojos! E se a lei não for suavizada, com as setenta e duas horas de repouso e compaixão para os desencarnados, na laje fria de algum necrotério acolhedor, resta aos mortos a esperança de que os salitantes conselheiros da cremação de hoje sejam amanhã igualmente torrados.

Pelo espírito Irmão X
Psicografia de Francisco Cândido Xavier
Livro: Escultores de Almas

